

mas a profundidade e a significação que se exteriorizava nesses detalhes. Seu instante épico foi o da campanha abolicionista: “Mas acima de tudo isso, o que mais alto representa ainda a obra política e artística de Agostini, na *Revista Ilustrada*, é a campanha por ele empreendida em prol da Abolição. Aqui, focalizando em página dupla ‘Cenas de Escravidão’, quatorze quadros que são quatorze passos da paixão do nosso irmão cativo, em torturas que somente seriam revividas setenta anos depois, nos campos de concentração do nazismo; logo mais, mostrando o chefe do Gabinete Saraiva, como fazendeiro, assegurando aos lavradores a continuação do seu direito de praticarem livremente o comércio dos escravos, como animais de corte, página duma beleza e dum simbolismo ainda agora frementes de emoção; ora, na evidência dos flagrantes em que se mostrava limpa e nua a impassibilidade do Império em face do opróbrio persistente — toda a incomparável série de composições com que o grande artista se integrou de corpo e alma no rol dos abolicionistas do porte de José do Patrocínio, João Cordeiro, José Mariano ou Joaquim Nabuco, a todos emparelhando em brilho e vigor da apóstrofe — ainda mais quando tinha a prestigiar-lhe o apostolado o imenso alcance propulsor da imagem gráfica”<sup>(140)</sup>. Por isso mesmo, em merecidíssima homenagem, Nabuco chamou a *Revista Ilustrada*, “Bíblia da Abolição dos que não sabem ler”; e Pires Brandão crismou-a “pedra da ara do altar da liberdade”.

A *Revista* foi, além disso, e principalmente, o maior documentário ilustrado que qualquer período de nossa história conheceu, só comparável ao que, de outra época, deixaram Rugendas e Debret, na fase anterior ao aparecimento da imprensa ilustrada em nosso país, mas com a superioridade de uma arte participante. Agostini foi dos mais expressivos exemplos de como a militância política enriquece, amplia e multiplica o efeito das criações artísticas autênticas sendo, ainda, dos mais brasileiros dos artistas que nos conheceram e nos estimaram, porque sentiu, compreendeu e expressou não apenas o que era característico em nós, daí a sua autenticidade, mas aquilo que representa o conteúdo do característico, isto é, o popular. Suas caricaturas, por vezes contundentes, puseram a nu os traços grotescos da classe dominante brasileira do tempo, suas irremediáveis mazelas, seu atraso insuportável, e o vazio triste dos ornamentos, dos artifícios, dos disfarces com que se apresentava, buscando aparentar grandeza.

Monteiro Lobato situou bem a singular importância da obra de Agostini: “Disso resultou termos, na coleção da *Revista Ilustrada*, um documento histórico retrospectivo cujo valor sempre crescerá com o tempo

(140) Herman Lima: *História da Caricatura no Brasil*, 4 vols., Rio, 1963, pág. 120, I.